

A Celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos como expressão viva do Mistério Pascal de Cristo

The Celebration of the Sacrament of the Anointing of the Sick as a living expression of the Paschal Mystery of Christ

*Gilmar Antônio Aguiar
Jucilei Silva Lima*

Resumo

Este trabalho pretende apresentar a Celebração da Unção dos Enfermos que encontra seu sentido e fundamento no Mistério Pascal de Cristo. A celebração desse sacramento atinge profundamente a realidade do sofrimento humano sinal de vida e esperança em Jesus Cristo. A partir de Jesus, a realidade divina e espiritual se une à humanidade em sua fragilidade de tal modo que resulta em uma força transformadora em todas as situações vitais da pessoa humana. É assim porque seu fundamento é o próprio Cristo, misericórdia do Pai; tem a Igreja como perpetuadora deste mistério na História da Salvação por meio dos seus rituais celebrativos, dimensão prática da missão e ação pastoral na comunidade paroquial. Portanto conclui-se que a Unção dos Enfermos é o Sacramento que expressa bem uma transformação, onde: o enfermo experimenta a ação divina seja pela cura, pelo alívio de suas dores e sofrimentos ou na hora da Páscoa definitiva, seja pelo exercício da pastoral junto aos doentes nas comunidades paroquiais que promove indispensável ministério na vida de todos quantos precisam.

Palavras-chaves: Mistério Pascal, Unção dos Enfermos, Ação Pastoral, Paróquia.

Abstract

This paper aims to present the Celebration of the Anointing of the Sick, which finds its meaning and foundation in the Paschal Mystery of Christ. The celebration of this sacrament reaches deeply into the reality of human suffering, a sign of life and hope in Jesus Christ. Starting with Jesus, the divine and spiritual reality unites with humanity in its fragility in such a way that it results in a transforming force in all vital situations of the human person. This is because its foundation is Christ himself, the mercy of the Father; the Church has perpetuated this mystery in the History of Salvation through its celebratory rituals, the practical dimension of its mission and pastoral action in the parish community.

Therefore, it can be concluded that the Anointing of the Sick is the Sacrament that expresses a transformation well, where: the sick experience divine action, whether through healing, through the relief of their pain and suffering, or at the time of the definitive Easter, or through the exercise of pastoral care with the sick in parish communities, which promotes an indispensable ministry in the lives of all those in need.

Keywords: Paschal Mystery, Anointing of the Sick, Pastoral Action, Parish.

Introdução

A celebração de todo Sacramento da Igreja é a atualização do Mistério Pascal de Cristo, causando na vida do celebrante os efeitos que lhes são próprios: santificação, cura e graça no servir. E só é assim porque é real, não mera lembrança memorativa, mas uma realidade atualizada no aqui e agora da história de cada indivíduo e de cada comunidade celebrante que dela toma parte. Neste sentido, o Espírito Santo tem proeminência na atualização do Mistério Pascal e, conseqüentemente, gera grandes efeitos na vida da comunidade, por meio dos dons e carismas. Conforme Ione Buyst “é o Espírito do Senhor que, pela participação na ação ritual, nos faz participantes do mistério pascal de Jesus Cristo”.¹

Por isso, o Sacramento da Unção dos Enfermos é sinal de vida e não de morte. “Quem salva e cura é ‘o Senhor’ (Tg 5,15). Mas o enfermo experimenta a proximidade do Senhor que salva e ergue nas palavras e nos gestos simbólicos daqueles que o procuram”.² É verdade que para muitos o sinal eminente da morte, provoca medo e desespero, todavia, é uma expressão viva da esperança da cura pelas mãos de Deus, a consideração firme de que o amor e a vida têm primazia sobre o mal e a morte (*1Cor 15,54-57*), pois mesmo na morte do corpo é garantia de um descanso feliz e confiante da “ressurreição da carne e na vida eterna”; é a atitude alegre do Cristão de entregar-se por completo, corpo e alma, nas mãos do seu Deus, Pai e Senhor dos vivos e dos mortos.

O cristão, desde o Batismo, que é realizado em nome de Cristo (At 2,38) participa do Mistério de Cristo. “O batismo é um movimento em direção a Jesus, ele estabelece uma relação com Jesus, vincula com ele”.³ Uma vez inserido em tamanho mistério, sua vida se torna parte da vida de Cristo. Nisto, a pessoa é lançada num viver enigmático de transformação contínua, até alcançar a perfeição na Bem-aventurança, chegando ao ponto de dizer: já não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim (Gl 2,20). No intento de maior precisão no introduzido e alcance do nosso objetivo, desenvolveremos este artigo em três momentos.

Como ponto de partida, em um primeiro momento, é necessário recordar que todo Sacramento tem como fundamento o Mistério redentor de Cristo, por isso faz-se necessário partir de Cristo como Sacramento da misericórdia do Pai, do qual emanam todas as graças de

¹ BUYST, I.; SILVA, J. A., O mistério celebrado, p. 83.

² NOCKE, F.-J., Doutrina específica dos sacramentos, p. 304.

³ NOCKE, F.-J., Doutrina específica dos sacramentos, p. 212.

cura física e espiritual das pessoas. Desse modo, o exercício do Sacramento da Unção pela Igreja confere força e alívio a todo aquele que celebra. Isto evidencia a presença divina entre os homens (*Ex* 3,16; *Lc* 1,68; 7, 16; *Tg* 1,27), pois na visitação ao doente é o próprio Cristo que se faz presente no visitante e no visitado (*Mt* 25,35-37).

Num segundo momento destacaremos como a ritualidade da celebração deste Sacramento comunica eficazmente as graças deste mistério de cura feito pelo Senhor em seu Mistério Pascal. Seguindo as devidas indicações experienciadas pela Igreja ao longo dos seus mais de dois mil anos fica comprovada sua eficácia, pela força do mistério próprio deste Sacramento.

Em continuidade à nossa reflexão, como terceiro momento, abordaremos a missão e a ação pastoral da Igreja. Toda essa ação evangelizadora evidenciada em um fazer operativo com ênfase na comunidade paroquial, como ambiente acolhedor, capaz de, pela presença viva de Cristo nos seus membros, aliviar a dor, acompanhar o enfermo e até curar seus males físicos e espirituais.

1. Jesus Cristo, o Sacramento da misericórdia do Pai

“Deus reconciliou o mundo consigo em Cristo pacificando, pelo sangue da sua cruz as coisas do céu e da terra” (*Cl* 1,20). Na sua infinita misericórdia Deus redobra-se de compaixão pela humanidade, vem ao seu encontro a fim de restaurar a amizade dilacerada pelo pecado. O apelo que encontramos na Carta de São Paulo aos Coríntios é esse: “deixai-vos reconciliar com Deus” (*2Cor* 5,20). A reconciliação é um processo contínuo que não acontece de forma mágica, mas num enlace forte de amor entre Deus e o homem. No amor de Deus o ser humano é exortado a permanecer, mesmo nos momentos de dor e sofrimento, como aconteceu com Jó.

Permanecer nos caminhos desejados por Deus é estar em comunhão com o seu Filho, Jesus Cristo. A certeza que nos move, seu povo eleito, é uma somente: Ele está conosco para sempre e deseja que todos sejam salvos e tenham a vida eterna (*Jo* 14,16-18,23). Esse Deus que não nos abandona é revelado em Jesus Cristo (*Jo* 10,30; 14,9-10). É Jesus quem nos mostra o rosto do Pai, pois goza de uma intimidade filial e amorosa (*Jo* 14,8-21). Por isso, Jesus Cristo é o sinal visível da graça divina e centro da história da salvação. Por Ele alcançaremos a redenção, pois tudo aquilo que Ele assumiu, também redimiu, n’Ele tudo se restaura (*Ef* 1,10).

Ninguém vai ao Pai senão por Jesus Cristo (*Jo* 14,6b). A salvação acontece por meio de sinais sensíveis e eficazes da graça divina, os sacramentos, os quais refletem a luz de um sinal maior, de um sinal-raiz, isto é, a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Podemos dizer que Jesus é o Sacramento de Deus por excelência, porque somente por seu intermédio é que chegamos a Deus Pai, fonte de vida e misericórdia. Jesus Cristo é o Sacramento do encontro de Deus com a humanidade. “Sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação”.⁴

A humanidade de Cristo dá sentido e plenifica toda a sacramentalidade eclesial. Na parábola do Pai misericordioso, contemplamos uma cena de encontro ímpar: a volta de um filho para a casa do pai. Ao se reencontrarem são envolvidos pela mais profunda misericórdia. O pai toma o filho por entre os seus braços, acolhe-o, devolvendo-lhe a sua

⁴ SC, 5

dignidade (festa, roupas novas, anel no dedo e sandálias aos pés), pois este filho mais novo estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado, enfim, o filho pródigo arrependeu-se e voltou para a casa do pai, lugar onde reina o respeito, a fraternidade e a caridade (Lc 15,11-32).

Outra parábola muito significativa é a do bom samaritano (Lc 10,25-37). Ali acontecem vários encontros. O mestre da lei faz duas perguntas a Jesus: o que devo fazer para obter a vida eterna? Quem é o meu próximo? Então, Jesus conta a história de um viajante que descia de Jerusalém a Jericó, caiu nas mãos de assaltantes e foi ferido gravemente. Passaram o sacerdote e o levita, homens que viviam em função do templo. Eles não se aproximam do homem caído e ferido. A seguir, passa um samaritano, figura desprezada. Esse viu e sentiu compaixão, derramou óleo e vinho nas feridas e depois levou-o para um lugar para ser cuidado. Assim, apreendemos que ser próximo não é questão espacial, mas quem precisa de nossa ajuda imediata. Quem age dessa forma tem a vida eterna, pois não é a estrita observância da lei que nos salvará, mas a prática da caridade.

A prática da caridade ou ação pastoral é o ambiente propício para revelar o rosto materno da Igreja, isto é, uma Igreja que cuida com misericórdia e compaixão. Neste sentido, em um diálogo com um jornalista, o Papa Francisco diz que “o nome de Deus é misericórdia”. Mediante as perguntas e respostas ele – o Papa – faz uma reminiscência recordando que São João XXIII que na abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II quis mostrar que a Esposa de Cristo preferia usar o remédio da misericórdia e não as armas do rigor. Ele também citou a encíclica *Dives in misericórdia*, de São João Paulo II. Igualmente, recordou, que também o Papa Bento XVI falou sobre isso ao dizer que ‘a misericórdia é na verdade o núcleo da mensagem evangélica’.⁵ Assim sendo, a Igreja intensifica sua missão de mediadora da graça e da misericórdia divina, pois, é chamada a ser samaritana.

1.1. Igreja, sacramento de Cristo

Na arte do cuidado e socorro aos marginalizados a Igreja é chamada a ser samaritana. Neste sentido, o Concílio Vaticano II afirma que a Igreja é sacramento universal de salvação (LG 48; GS 45; AG 1). Ela é sacramento na medida em que se torna presença e continuadora da missão de Cristo na história humana. “Imitando o Cristo, que veio libertar o homem do pecado e de suas consequências [...] a Igreja também deve lutar contra tudo o que impede o homem de atingir sua plena realização.” E é ela mesma dispensadora dos sacramentos, que são sinais sensíveis e eficazes de salvação na história. Nela o povo de Deus se reúne em assembleia para celebrar o memorial da Paixão e Ressurreição, participando ativa e prontamente nos sacramentos.⁶

A Igreja é o lugar privilegiado para experimentar o mistério de nossa salvação. Ela é sinal sensível que nos comunica uma realidade invisível: a graça divina. O próprio Cristo quis que a Igreja formada por homens fosse portadora das bênçãos divinas. Antes de sua Ascensão fundou a sua Igreja como sacramento de salvação. Confiou aos apóstolos a

⁵ FRANCISCO, PP., O nome de Deus é misericórdia, p. 35.

⁶ SC, 48

missão de ir pelo mundo e anunciar o Evangelho a toda criatura, ensinando e batizando. Quem crer será salvo, mas quem não crer será condenado (Mc 16,15-16; Mt 28,19-20). Daí resulta a missão da Igreja de evangelizar e anunciar a redenção de Cristo (AG 5). Assim, a participação efetiva na missão da Igreja revela a dignidade dos cristãos serem chamados de povo de Deus. Joseph Ratzinger faz um profundo resgate desse pertencimento e sinaliza o bispo de Roma e a Ceia do Senhor que concretizam a unidade da Igreja.

A Igreja é sinal de fé e também mistério de fé. Ambas as partes têm seu centro na eucaristia. Portanto, a Igreja é povo de Deus, em virtude do corpo de Cristo, sendo que ‘corpo de Cristo’ deve ser entendido aqui, no seu pleno sentido, como já vimos. A tarefa constante dos cristãos, portanto, há de ver o esforço por eles demonstrado para que a Igreja jamais perca o seu vigor e a sua plenitude, isto é, a caridade. É através da caridade que o mistério do corpo do Senhor se torna algo de concreto e de renovado todos os dias.⁷

Cristo funda a sua Igreja sobre a profissão de fé de Simão Pedro: “tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja” (Mt 16,18). A Igreja como propagadora da fé e da salvação de Cristo faz memória e atualiza o Mistério Pascal de Cristo nos sacramentos. Isto por que para todos os momentos da existência humana é proporcionado um encontro especial com a graça divina. Todas as vezes que a comunidade se reúne para celebrar um dos sacramentos ali acontece o memorial da Páscoa do Senhor (1Cor 11,26). A mesma coisa ocorre quando o doente recebe a Unção. A graça de Deus opera eficazmente, confortando e aliviando a sua dor, redobrando a sua confiança filial em Deus.

A Igreja celebra os Sacramentos por meio Sagrada Liturgia. Segundo o ensinamento do Catecismo da Igreja Católica, a Liturgia é uma troca de bênçãos, isto é, Deus nos abençoa e nós bendizemos a Deus. Isso acontece por meio de duas dimensões: uma descendente e outra ascendente. A dimensão descendente é de Deus para o povo, Deus abençoa o povo. A outra é a dimensão ascendente, em que a comunidade reunida em nome do Senhor Ressuscitado, em forma de gratidão eleva a Deus uma “bênção” (dizer bem). O Pai é a fonte de bênção e a maior bênção que Ele nos deu foi seu Filho Jesus Cristo, o Verbo encarnado do Pai.⁸

O Concílio Vaticano II deu uma virada eclesiológica na liturgia; introduziu uma mudança radical na maneira de entendermos o sujeito, ou agente, ou os ‘atores’ da liturgia. Quem celebra não é clero. Quem celebra é todo o povo santo de Deus reunido em assembleia; é toda a comunidade unida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Os presbíteros não celebram ‘para’ o povo, mas juntamente com ele, fazendo parte dele e estando a seu serviço.⁹

O primeiro a realizar uma Liturgia foi o Deus criador. Jesus Cristo, o Verbo encarnado, continua a obra salvadora do Pai, pois Jesus é o liturgo do Pai. O Filho é a Liturgia do Pai por excelência. O Espírito Santo cumula o nosso coração com seus dons, impulsionando toda a comunidade à santidade. Por isso, toda Liturgia é uma ação dirigida

⁷ RATZINGER, J., O novo povo de Deus, p. 87.

⁸ CIC, 1078.

⁹ BUYST, I.; SILVA, J. A., O mistério celebrado, p. 93.

ao Pai, pelo Filho, no Espírito,¹⁰ pois nela se realiza o memorial da Páscoa da Ressurreição de Cristo. No fundo, toda celebração litúrgica é uma ação de graças perpassada pelo amor indiviso que entrelaça as Três Pessoas Divinas: Pai e Filho e Espírito Santo.

A Igreja é sacramento de Cristo porque traz em sua natureza a missão de evangelizar. A evangelização não é um ato isolado, mas eclesial e comunitário.¹¹ Ela é chamada a atualizar o Evangelho, ou seja, ser capaz de difundir a Boa Notícia pelo mundo afora nas várias culturas, línguas e raças.¹² “O Evangelho de Jesus Cristo foi confiado a toda a Igreja e é o corpo eclesial inteiro que dele dá testemunho na fé. [...] É a Igreja que, pelo movimento contínuo da Palavra ouvida e da Palavra transmitida no íntimo da experiência da fé, progride na inteligência sempre nova da revelação e desta tira as implicações concretas para a sua vida”.¹³

Na observância das notas constitutivas da Igreja: Una, Santa, Católica, Apostólica e Romana há uma unidade estrutural intrínseca que faz da Igreja uma constelação de notas revelando a sua realidade real. A Igreja é no mundo uma realidade real. No entanto, esse mundo não se restringe ao conjunto das coisas reais, porém, é a formalidade de realidade enquanto transcende da coisa real e a constitui no momento ‘da’ realidade, cujo caráter formal e preciso tem algo de *suyo*, que é uma formalidade. E esta formalidade possui três momentos de impressão, a saber: de *afecção*, que no animal é apenas estímulo, mas, no ser humano desencadeia um processo senciente; de *alteridade*, que tem um caráter essencial e objetivo e; de *força de imposição* da realidade real, ou seja, impõe-se uma força nova.¹⁴

1.2. A Unção, sacramento da esperança

A nossa salvação não é oriunda de alguma ciência ou coisa parecida. O ser humano é salvo no amor.¹⁵ A nossa salvação só pode vir, única e exclusivamente, de Deus, por meio do sacrifício redentor de Cristo. A Igreja, o corpo de Cristo, é expressão e prolongamento do seu amor e da sua ação redentora.¹⁶ Ela é sinal de vida nova e esperança na caminhada das pessoas enfermas, pois o ser humano só caminha seguro quando sabe para onde vai e como seguir. Segue melhor o caminho quem anda de mãos dadas com a esperança, pois é na esperança que somos salvos (Rm 8,24).

À medida que a Igreja, movida pelo Espírito, vive o amor e o serviço dos mais pobres e indigentes, nesta medida ela mesma é sacramento de salvação, se realiza como comunidade salva, e antecipa a salvação futura. A enfermidade é uma das situações em que a Igreja deve viver e pôr em prática este amor salvador.

Jesus Cristo veio ao mundo como “médico” para sarar as doenças e os males que atormentam a vida do ser humano, para tirar-lhe toda enfermidade (Mt 8,17); tomou-a sobre si e morreu por nós na cruz, conferindo novo sentido ao sofrimento humano. Cristo

¹⁰ CIC, 1082.

¹¹ EN, 60.

¹² LG, 5.

¹³ SESBOÛE, B., O evangelho na igreja, p 154.

¹⁴ ZUBIRI, X., Inteligência e logos, p. 37-40.

¹⁵ SS, 26.

¹⁶ LG, 6-7.

não acabou com as doenças, como também não suprimiu a morte. Com a morte, também a doença foi derrotada no plano escatológico, isto é, nem a morte nem a doença têm mais poder sobre o homem, pois foram vencidas pelo sacrifício da cruz. Dessa forma a doença e o sofrimento foram ressignificados e, uma vez associados com o Cristo morto e ressuscitado, não são mais causa de maldição, mas meio de redenção.

A Igreja mostra-se como sinal de esperança cristã no serviço dedicado aos enfermos, realizando um efetivo ministério de *diakonia* e *koinonia*. Isto significa que a missão da Igreja consiste no serviço aos mais pobres e necessitados, principalmente os enfermos. Ela também mostra o seu rosto solidário e fraterno ao anunciar a compaixão e a misericórdia de Jesus para com os sofredores.¹⁷ Pela esperança e fé em Cristo, que veio ao mundo para instaurar um novo mundo, sem doenças e sem morte, e que o iniciou por seus milagres, o enfermo deve firmar-se na certeza de que, sacramentalmente, este mundo novo de ressurreição já começou em seu corpo ao receber a Unção.

O Sacramento da Unção, unido à oração de fé, expressada pelos gestos e palavras, não é um rito mágico, mas sinal profundo da ação redentora de Deus na história da salvação. É Deus quem toma a iniciativa e vem ao encontro do homem restituindo a sua vida, pois Ele amou primeiro (1Jo 4,10-11.19). O Sacramento da Unção dos Enfermos é uma afirmação testemunhal de que Deus intervém no mundo em favor do homem, sua criatura, o qual não está abandonado às suas próprias forças e condenado à limitação de suas explicações racionais, mas envolvido por uma bondade e por um poder que, sem substituí-lo – ou diminuí-lo, vem em seu socorro para potenciá-lo e salvá-lo.

A Unção suscita em quem a recebe uma esperança inconfundível do seu futuro escatológico. O sacramento cumpre o seu papel ao alimentar e tornar sempre viva a esperança de vida eterna (1Cor 15,53-54). Contudo, a esperança cristã não se refere apenas à vida futura, mas também ao futuro da vida terrena. Aponta para um contínuo crescimento do ser humano até à plenitude, isto é, a situação existencial, ameaçada pela doença, ajuda desvelar o pleno sentido do existir humano, que transcende a vida presente (1Cor 15,19).

O ser humano tem muitas esperanças, maiores e menores. Pode ser que uma dessas esperanças o satisfaça plenamente, sem necessitar de outras. Enquanto jovem, pode ser a esperança de encontrar um grande amor e ser feliz para sempre. Quando amadurece e conseguiu o grande amor, ainda mantém viva a esperança, pois sem ela não é possível viver. A maturidade é um período de atitudes responsáveis e uma autorrealização pessoal e profissional, ou seja, a pessoa atinge uma capacidade de saber lidar com a dor, com as perdas e as frustrações.

No declínio natural da sua existência, a esperança é viver bem os anos acumulados, como sinal da gratuidade de Deus, por isso aceita a sua ancianidade e todas as suas implicações. Essas podem ser as esperanças menores. Entretanto, o ser humano não consegue ser feliz plenamente sem a esperança maior, que só pode ser Deus. Ele é o fundamento da esperança, pois nos amou primeiro. Somente seu amor nos possibilita perseverar na caminhada sem desanimar, sem perder a esperança, dia após dia.¹⁸ Enfim, a esperança cristã consiste no desejo de sermos salvos. Seremos salvos mediante nossa colaboração, ou seja, adesão livre e consciente ao mistério de Cristo, pois foi Deus que em

¹⁷ CIC, 1503-1505.

¹⁸ SS, 30-31.

Cristo reconciliou o mundo consigo. E Jesus se ofereceu livremente para nossa salvação (2Cor 5,19).

1.3. A Unção, fortaleza e alívio no Espírito

O ser humano alcançado pela esperança cristã faz experiência da graça do Espírito Santo. O Espírito é dom escatológico, causa e força transformadora do sinal, graça e fruto do sacramento. Em todos os sacramentos há um movimento epiclético e pneumatológico. A graça do Espírito age em relação com a situação concreta da pessoa, conforme a necessidade e a finalidade próprias, mediante a fé e oração da Igreja.

A graça divina encarna-se, de modo particular, na situação de enfermidade, continuando o mistério de Cristo sofredor, que dá novo sentido ao sofrimento humano: o sacramento da Unção confere essa graça e exprime a consagração da enfermidade na perspectiva de luta contra os males, em vista da vitória final, atuando, positivamente, tanto na dimensão corporal como espiritual do doente.

A verdadeira graça é o Espírito Santo, como força transformadora e fecunda da situação de enfermidades. O Espírito é a graça fontal, a partir da qual se devem entender todos os “efeitos” ou finalidades da graça segundo a situação do enfermo. Estes “efeitos”, em sua diversidade e polivalência, são como os dons do mesmo Espírito para a pessoa enferma, com vistas a superar as ameaças e tentações. Assim, se a enfermidade é uma ameaça para a vida, a unção é uma segurança de salvação e de vida; se a enfermidade é enfraquecimento, o Espírito é fortaleza; se a enfermidade é desânimo e desespero, o Espírito é consolo e força para a luta; se a enfermidade recorda a angústia da morte, o Espírito suscita a confiança na ressurreição.¹⁹

O que há de específico na graça da Unção é, sem dúvida, o Espírito que se derrama profusamente para o fortalecimento integral da pessoa enferma, de modo que possa assumir e viver seu estado de doença na fé, no amor e na esperança cristã. A oração da fé e a imposição das mãos do ministro, gestos epicléticos e pneumatológicos, revelam uma atitude evangélica e eclesial. É um gesto de profunda solidariedade e fraternidade da comunidade de fé para com quem sofre. O ser humano fragilizado pela enfermidade abre-se ao mistério de Cristo sofredor, que redime todo sofrimento, fazendo brotar a vida e a salvação.²⁰

O sofrimento vivido na fé, na confiança no poder de Deus e na sua fidelidade sem arrependimentos, passa a ser redentor, destrói o pecado: o servo inocente ‘expia’ os pecados alheios (isto certamente não privará o sofrimento do seu caráter escandaloso, que para ele decorre do fato de ser participação na loucura do mistério da cruz). A experiência de Cristo se torna experiência da igreja que prolonga os gestos de cura de Jesus (Mt 10,7-8; At 2, 2,43; 5,12; 5,5-16; 9,34-40), afirmando assim a presença do reino e pondo em evidência a sua força libertadora.²¹

¹⁹ BOROBO, D., Unção dos enfermos, p. 594.

²⁰ GOEDERT, V. M., Unção dos enfermos, p. 45.

²¹ COLOMBO, J., Unção dos enfermos, p. 1205.

Para além dos gestos humanos e fraternos a própria fórmula da Unção evoca claramente a força do Espírito. As primeiras palavras da fórmula: *Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia*. O gesto sacramental é conjugado com a misericórdia de Deus, origem de todo o plano de salvação, de quem a unção é sinal eficaz e sensível. É Deus o auxílio necessário nos momentos de enfermidade. As palavras seguintes: *o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo*. Aqui notamos a formulação trinitária presente na fórmula: o Senhor é o Cristo, o Ressuscitado, evocando todo o Mistério Pascal. O Espírito Santo é que confere a graça: confiança em Deus e salvação. “A graça do Espírito Santo é a realidade fundamental da unção”.²²

A segunda parte da fórmula: *para que liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade alivie os teus sofrimentos*. Essas palavras tomam as palavras do texto de Tiago (5,15) para enfatizar que o perdão dos pecados é efeito de uma ação pneumática, do Espírito. O perdão dos pecados é um efeito condicional do sacramento da Unção, pois o sacramento próprio para o perdão é a Reconciliação. As últimas palavras: *Ele te salve e, na sua bondade alivie os teus sofrimentos*, evidenciam o valor salvífico pleno do Sacramento da Unção.

Com efeito, a oração realizada para alívio e fortalecimento da vida é um grande gesto de compaixão e esperança. “A oração fala de ajudam misericórdia, assistência, poder do Espírito Santo, libertação, salvação. Erguimento. Esses conteúdos podem ser centrados na prece pela ‘assistência’ de Deus: que o Senhor não abandone o enfermo em sua fragilidade e necessidade”.²³ Daí decorre, que a celebração do Sacramento da Unção é um ritual sempre a ser valorizado, pois está revestido de fé e esperança de salvação.

2. A Ritualidade e a Celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos

Quando queremos comemorar um momento muito importante em nossas vidas, reunimos os parentes e amigos e fazemos uma festa. Essa é uma excelente tentativa de expressar uma necessidade inerente ao ser humano: celebrar. O que é celebrar? A palavra celebrar quer dizer tornar algum acontecimento célebre, solene, festivo, memorável e inesquecível. Fazemos isso por meio do rito, isto é, um conjunto de ações que expressam o mistério celebrado. Não se trata de fazer por fazer, mas de uma tríplice dinâmica entre sentir, inteligir que leva a uma ação, atitude ou fazer.

Celebrar e celebração vêm do latim *celebrare* e *celebratio*, respectivamente. Ambos os termos se completam com o adjetivo *célebre* (*celeber*), que se aplicava ao lugar frequentado por muitas pessoas. *Celebrare* significava o mesmo que *frequentare*, que designa a ação de reunir-se. Portanto, etimologicamente *celebrar equivale a reunir-se num lugar, juntar-se, acorrer em massa; celebração é a reunião numerosa, o ato de reunir-se e o momento de estar congregados; célebre designa o lugar da reunião ou o lugar frequentado, e o tempo ou momento da reunião/assembleia*.²⁴

Os ritos que compõem a celebração devem ser breves, suaves e belos e não

²² RUSSO, R., Unção dos enfermos, p. 258.

²³ NOCKE, F.-J., Doutrina específica dos sacramentos, p. 308.

²⁴ LÓPEZ MARTIN, J., No espírito e na verdade, p. 180. (grifo do autor).

repetitivos e cansativos. “A reunião semanal dos cristãos deve ser marcada por um encontro revestido de nobre simplicidade. A nobreza das cerimônias celebrativas do Mistério Pascal de Cristo revela-se na simplicidade e não carecem de muitas explicações”.²⁵ Os fiéis ao se reunirem para celebrar, de modo especial no domingo, o dia do Senhor, celebram o Mistério Pascal de Cristo. Esta é a solene e memorável motivação pela qual se faz festa.

A celebração é uma *festa*. celebrar é fazer festa, com tudo o que a festa significa: o não-útil, a gratuidade, o que não tem valor por si mesmo, a expressividade, a criação. É alegria, deleite do espírito, hierofania da existência e do tempo [...]. O primeiro teólogo da liturgia que se ocupou da celebração enquanto tal foi Odo Casel (+1948), pioneiro também por oferecer uma reflexão sobre o culto cristão sobre bases direta e primariamente teológicas. Para ele, a celebração é uma *epifania*, uma manifestação do divino na ação ritual. Dizer epifania ou manifestação significa admitir uma presença, que no caso do mistério celebrado na liturgia somente pode ser reconhecida através de sua eficácia.²⁶

Toda celebração eucarística e sacramental é memorial e atualização do Mistério Pascal.²⁷ É Cristo quem fortalece com o sacramento os fiéis que adoecem. A substancialidade desse momento celebrativo, com suas notas e propriedades, nos abre à transcendentalidade, isto é, um momento de apreensão de realidade que nos mostra o que cada coisa realmente é, que transcende a si mesma.²⁸ Por isso, a seguir, veremos, brevemente, a realização deste rito segundo o Ritual da Unção, a qual confere a graça sacramental expressada na oração da fé, na unção com óleo abençoado e a imposição das mãos do presbítero da Igreja (Tg 5,15).²⁹

2.1. O Ritual da Unção dos Enfermos

No Concílio de Trento, os Padres conciliares promulgaram a Extrema-Unção como o sacramento dos que estão para partir. Mais tarde, o Concílio Vaticano II deu um passo adiante. Não descartou o termo “Extrema-Unção”, mas afirmou que deveria ser chamado de preferência de sacramento da Unção dos Enfermos. O sentido agora não é somente para os agonizantes, mas para todos os fiéis que começam a correr risco de morte, por doença ou idade avançada.³⁰

A primeira e mais importante reforma, à luz do Concílio, foi introduzida por Paulo VI com a promulgação da Constituição Apostólica *Sacram Unctionem Infirmorum* (SUI), de 30 de novembro de 1972. Neste mesmo ano, a Sagrada Congregação para o Culto Divino promulgou o Ritual da assistência pastoral e unção dos enfermos, o *Ordo unctionis infirmorum eorumque pastoralis curae*, (Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral – RUE), em 7 de dezembro de 1972. O Papa Paulo VI modificou a fórmula

²⁵ SC 34.

²⁶ LÓPEZ MARTIN, J., *No espírito e na verdade*, p. 186-187. (grifo do autor).

²⁷ LÓPEZ MARTIN, J., *No espírito e na verdade*, p. 139.

²⁸ ZUBIRI, X., *Inteligência e realidade*, p. 79.

²⁹ SAGRADA Congregação para o Culto Divino, *Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral*.

³⁰ MARTIMORT, A. G., *Oração pelos doentes e unção sacramental*, p. 122.

sacramental; reduziu o número para duas (frente e mãos) e, podendo ser usado o óleo de oliva ou vegetal.

Estas mudanças refletem uma significativa renovação teológica e prática operada pelo Concílio Vaticano II. O Ritual da Unção entra em vigor na Igreja latina no fim de 1973, trazendo um conceito amplo de enfermidade humana e as muitas formas da Igreja fazer-se presente junto às pessoas enfermas. Admite a reiteração da unção em caso de o enfermo recuperado voltar a recair na mesma enfermidade ou entrar numa fase mais grave. Em seu plano pastoral para a assistência aos enfermos mostra a preocupação da Igreja quanto à situação de cada doente. Por isso traz vários tipos de celebração, que visa o conforto em quaisquer circunstâncias em que a vida corre perigo de morte, por isso, em seguida elencaremos a disposição do texto do Ritual da Unção.³¹

O texto do Ritual contém a Constituição Apostólica de Paulo VI *Sacram Unctionem Infirmorum*; a *Introdução*, e 7 capítulos, divididos da seguinte forma: I. *Visita e comunhão aos enfermos*; II. *Rito da Unção dos enfermos*; III. *O Viático*; IV. *Administração dos sacramentos a enfermos em perigo de morte iminente*; V. *Confirmação em perigo de morte*; VI. *Rito de encomendação dos agonizantes*; VII. *Diversos textos a serem usados nos Ritos de Assistência aos enfermos*. A seguir veremos, brevemente, alguns pressupostos para a celebração da Unção.

2.2 Pressupostos para a celebração do Sacramento da Unção

Toda ação ritual ou celebração requer algumas disposições e condutas por parte daqueles que estão envolvidos nesse momento celebrativo. Na celebração do sacramento da Unção três são os personagens mais importantes: o sujeito, o ministro e a comunidade. O objetivo da celebração sempre será o conforto do enfermo e a participação da comunidade, isto é, a celebração é um ato comunitário e não isolado ou privado.³² Seguiremos os pressupostos elencados por Dionísio Borobio.³³

a) *A fé*: é elemento essencial, pois é resposta ao Deus que se revela e se doa. “Esta fé se exprime, e por isso deve ser despertada tanto no ministro do sacramento como sobretudo naquele que o recebe; o doente, com efeito, será salvo pela sua fé e pela fé da Igreja”.³⁴ É delicado entender a atitude de muitos cristãos enfermos que não pedem o sacramento mesmo tendo fé; e outros que buscam o sacramento sem ter fé ou convicções verdadeiras, agem por pressão familiar, que buscam um meio mágico de cura. Por isso o enfermo, o ministro e família devem esforçar-se para não ofuscar o mistério celebrado;

b) *Respeito à liberdade*: na enfermidade, a vontade e a liberdade do sujeito ficam diminuídas. Contudo, a ninguém é permitido agir contra o desejo da pessoa enferma, seria um atentado contra a sua consciência. O sujeito “não pode assim ser forçado a agir contra a própria consciência. Mas também não há de ser impedido de proceder segundo a consciência, sobretudo em matéria religiosa”.³⁵ É preciso evitar “forçar” o doente realizar

³¹ FLÓREZ, G., Penitência e unção dos enfermos, p. 398.

³² SC, 30-32.

³³ BOROBIO, D., Unção dos enfermos, p. 607.

³⁴ SAGRADA Congregação para o Culto Divino, Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral.

³⁵ BOROBIO, D., Unção dos enfermos, p. 608.

a vontade dos outros. Isto não quer dizer que não se deva arrumar uma maneira de sugerir e oferecer-lhe o sacramento da Unção;

c) *A comunidade*: o sacramento é um encontro com Deus mediante um ato comunitário, eclesial. Isto supõe uma participação ativa e consciente da comunidade, pois nenhum sacramento é pleno quando realizado fora ou longe do ambiente eclesial e público. Toda comunidade é envolvida na celebração, seja na preparação do doente, seja no encaminhamento do mesmo até o local e até no contato com o presbítero etc. “Ao preparar e organizar a celebração dos sacramentos, informe-se o sacerdote sobre a situação do enfermo, que ele deve levar em consideração ao dispor o rito, ao escolher as leituras bíblicas e as orações, ao julgar se é conveniente celebrar missa, ministrar o viático etc”.³⁶ Inclusive, se a situação permitir, o doente pode tomar parte da celebração proclamando uma leitura ou prece.

d) *A catequese*: nenhum sacramento é bem administrado se faltar preparação de quem vai recebê-lo ou vai participar do ritual. O sacramento não será celebrado plenamente quando não se conhece o seu sentido e suas implicações. Por isso, o Ritual orienta que “é de máxima importância que, tanto os fiéis como sobretudo os enfermos, sejam levados por uma catequese eficiente a prepararem a celebração ou a participarem dela, sobretudo quando realizada em comum”.³⁷

2.3. Rito ordinário da Unção sem celebração da Eucaristia

Esta forma da celebração da unção sem a celebração da Eucaristia é também chamada de “comum” ou “ordinária” para distinguir de uma celebração do sacramento da Unção durante uma Liturgia Eucarística. Este rito comum da Unção é composto de dois momentos muito importantes. O primeiro é a Liturgia da Palavra, o segundo a ação sacramental propriamente dita.

O Ritual antigo (*Rituale Romanum* de 1614) previa apenas duas formas de celebração: a ordinária e a breve, pois enfatizava a o rito penitencial e o perigo de morte.³⁸ O atual Ritual propõe oito ritos, que são adaptados às diversas circunstâncias. O capítulo II do Ritual intitula-se “Rito da Unção dos Enfermos” e tem três subdivisões: 1) Rito comum, 2) Rito da Unção dentro da missa, e 3) Celebração em grande concentração de fiéis. Vamos explicá-las brevemente, pois são as formas mais comuns na celebração da Unção.

O assim chamado ‘Rito Ordinário’ da unção dos enfermos é uma celebração sacramental numa assembleia convocada especificamente para esta ação litúrgica. Um ou mais doentes podem receber a unção; um ou mais sacerdotes podem ministrar-lhes a unção; um, poucos ou muitos fiéis podem estar reunidos para oferecer a oração da Igreja com o sacerdote e o(s) doente(s). O evento litúrgico pode ocorrer num quarto de doente, em outra dependência da casa, numa igreja ou capela, ou em outro lugar apropriado do ponto de vista pastoral.³⁹

³⁶ SAGRADA Congregação para o Culto Divino, Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral.

³⁷ SAGRADA Congregação para o Culto Divino, Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral.

³⁸ COLOMBO, J., Unção dos enfermos, p. 1209.

³⁹ COLLINS, M., O Ritual romano, p. 16.

Ritos iniciais

- Saudação: o sacerdote de modo dialogal e espontâneo saúda o enfermo e os presentes, se for necessário poderá seguir a saudação prescrita.

- Aspersão com água benta: consiste num rito breve, às vezes esquecido, o presbítero toma a água benta e asperge o doente e o seu aposento. É um gesto denso de sentido, pois relembra o sacramento do Batismo. É conveniente uma breve explicação para que todos entendam o verdadeiro sentido. Aqui já é posta a razão central do sacramento: a morte e a ressurreição de Cristo.

- Monição do presbítero: o Ritual propõe neste momento que o padre convide o enfermo e os presentes em forma de oração a concentrarem no profundo sentido do sacramento a ser administrado. Por isso pode recordar o trecho da carta de São Tiago (*Tg* 5, 14-16).

- Rito penitencial: se for oportuno e o desejo do doente, o padre atenda a confissão sacramental. Não havendo a confissão, realiza-se o ato penitencial, podendo ser conforme o usado na missa ou outras fórmulas penitenciais subsequentes.

Liturgia da Palavra

- Leituras: toma-se a leitura indicada ou outra apropriada, podendo ser proclamada pelo próprio doente, por algum dos presentes ou pelo padre.

- Ladainha ou preces: é um momento onde se expressa a “oração da fé” do presbítero, da comunidade presente e do próprio doente. São formulários de grande riqueza teológica, podendo ser feito nesta sequência, antes da bênção do óleo, ou depois da unção. O presbítero, conforme a situação, pode adaptar ou abreviar o texto.

- Imposição das mãos: o presbítero, em silêncio, impõe as mãos ao doente e oram sobre ele na fé da Igreja (*Tg* 5, 15). É a *epiclese* própria deste sacramento.⁴⁰ A sombra das mãos do presbítero recorda a sombra do Espírito Santo e tem o mesmo sentido da invocação sobre as oblatas na celebração da Eucaristia.

Liturgia do sacramento

- Bênção do óleo ou ação de graças sobre o óleo bento: a bênção habitualmente é realizada pelo bispo na Quinta-feira da Semana Santa. Se o óleo não está bento, o padre pode benzê-lo somente na própria celebração. Neste caso, o óleo que sobrar deve ser queimado. Se o óleo já foi abençoado, reza-se uma oração de ação de graças. O que restou deve ser devidamente guardado para outras celebrações.

- A sagrada unção: o presbítero unge com o santo óleo, na fronte e nas mãos (palmas), dizendo uma só vez: “Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo. R/ Amém. Para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos. R/ Amém.

- Oração depois da unção: após a unção o presbítero diz uma oração que exprime o sentido do sacramento e da fé da Igreja. Nas orações concentra-se uma imensa riqueza teológica. São previstas orações apropriadas às condições do enfermo: idade avançada, que se encontra em grande perigo, que recebe a unção e o viático e por um fiel em agonia.

⁴⁰ CIC, 1519.

Conclusão do rito

- *Pai Nosso*: o sacerdote introduz a *Oração do Senhor* de forma espontânea ou conforme o prescrito.

- Comunhão ou viático: se for administrar a comunhão ou o viático, este é o momento propício, e deve proceder conforme o Ritual.

- Bênção e despedida: o Ritual fornece duas opções: uma fórmula trinitária e escatológica composta de cinco petições: bênção, saúde, luz, salvação e vida eterna, ou uma fórmula cristológica com três invocações pedindo proteção, conforto e bênção, ambas, terminando cada invocação pelo “Amém” da comunidade reunida.⁴¹

Em todas essas situações puramente humanas, o elemento fundamental é a oração da fé: “A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé” (Tg 5,15a). Para o enfermo que não acredita, parece que pouco adiantará receber o sacramento, porém, a misericórdia divina é superior a qualquer tipo de descrença. A fé garante a eficácia do sacramento: a fé do doente e a fé da Igreja. Desse modo, a Igreja desenvolve uma missão e uma ação específica na assistência aos enfermos.

3. A missão e a Ação Pastoral da Igreja: assistir aos enfermos

A missão da Igreja é uma somente, inclusive, no mundo da saúde: pregar o Evangelho e curar os enfermos (Lc 9,1-6). É uma missão recebida do próprio Cristo. A ação da Igreja no mundo da saúde é percorrer os lugares onde se encontram os doentes e oferecer-lhes sua solidariedade. Jesus percorria todas as cidades e vilarejos anunciando o Reino de Deus, libertando e curando todo tipo de enfermidade (Mt 9,35). Assim a Igreja segue os passos e os ensinamentos de Jesus, o Bom Pastor (Jo 10).

No seu papel específico de anunciadora da palavra de Deus e portadora da salvação de Cristo para a toda a sociedade, a Igreja deve estender sua presença, além daquela tradicional das obras assistenciais próprias, proclamar, e possivelmente construir, o Reino de Deus dentro de todo o complexo mundo da saúde.⁴²

A responsável por esta missão é a Igreja inteira, comunidade de fé e assembleia de batizados. Sem medir esforços, a Igreja congrega homens e mulheres de boa vontade, que agem em favor da edificação e santificação de todo o povo de Deus. Todos os fiéis, membros da Igreja, corpo de Cristo (1Cor 12,12; Cl 1,18), são solidários com quem sofre, pois se um membro sofre, todos os outros também sofrem (1Cor 12,26). Portanto, todas as iniciativas em favor dos enfermos são chamadas obras de caridade, as quais visam socorrer as pessoas em suas diversas dificuldades, a fim de prolongar a vida.⁴³

Todos os batizados participam desta missão, de modo especial os parentes e familiares, que estão mais próximos do doente. Todos que estão em volta do doente, direta ou indiretamente, estão comprometidos com a recuperação e o conforto, sejam médicos, enfermeiras (os), técnicos, auxiliares gerais, serviço de assistência religiosa etc. Também

⁴¹ SAGRADA Congregação para o Culto Divino, Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral.

⁴² VENDRAME, C., A unção dos enfermos, p. 18.

⁴³ SAGRADA Congregação para o Culto Divino, Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral.

não podemos esquecer de mencionar que os bispos, presbíteros, diáconos, as comunidades de vida religiosa, leigos e associação ou grupo de cristãos são estimulados a promover a saúde e uma pastoral eficaz, para o bem da comunidade.⁴⁴

Com efeito, a missão da Igreja é concretizada por meio de dois sinais de solidariedade para com os enfermos: a visita e a comunhão. Os cristãos revelam sua cristandade na prática da caridade, prestando auxílio, carinho e socorrendo os enfermos em suas necessidades, sobretudo os párocos e capelães. A visita consiste num momento de encontro do doente com Cristo. Quem vai visitar um doente esforça-se para transmitir palavras de fé e confiança em Deus, a fim encontrar forças para suportar os sofrimentos. A comunhão preenche a vida do enfermo e, ao mesmo tempo, revigora as forças e sustenta para a comunhão eterna, revelando profunda caridade e fraternidade.

Além disso, no âmbito paroquial observa-se a preocupação e o empenho para realizar a Missa com os enfermos, pelos menos uma vez no ano, no *Dia Mundial do Doente*, em 11 de fevereiro, por iniciativa de João Paulo II, criado em 1991. Segundo o costume, o Dia Mundial do Doente foi fixado no mesmo dia que se comemora a festividade de Nossa Senhora de Lourdes devido à grande peregrinação ao santuário francês, no qual devotos e turistas vão para agradecer milagres, pedir graças e buscar a água santa. O evento realiza-se sempre em diferentes locais, sob a organização do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde. Nesta ocasião celebrativa, o bispo de Roma (Papa) sempre escreve uma carta de cunho catequético e pastoral animando as comunidades cristãs a desenvolvem uma efetiva Pastoral da Saúde, de modo especial, na paróquia.

Neste contexto de muitas demandas pastorais, clérigos e leigos, são formados para promover a Pastoral da saúde nas paróquias e comunidades. Desse modo, a toda pessoa enferma acolhida e assistida é um ressoar muito verdadeiro do “valor da pessoa humana, a dignidade profunda do ser homem. A evangelização dos que sofrem e o zelo pastoral por eles – os verdadeiros pobres de hoje – é certamente sinal da obra messiânica”.⁴⁵

3.1. Paróquia: a comunidade de fiéis promotora de vida

A paróquia é uma comunidade de fiéis, porção da Igreja particular, confiada ao pároco, como seu pastor próprio, sob autoridade do bispo diocesano. É lugar privilegiado onde os cristãos se reúnem para a celebração dominical da Eucaristia.⁴⁶ O termo grego *paroikia*, que significa aquilo que se encontra perto ou ao redor da casa já nos aponta que a missão da paróquia no mundo da saúde é fazer-se presença confortadora e samaritana junto aos enfermos (Lc 10,25-37).⁴⁷

A Igreja no Brasil, em sua ação evangelizadora, assume o compromisso de formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. Nelas, as pessoas, movidas pelo Amor da Trindade Santa, vivenciem e testemunhem a comunhão fraterna, como em família, entre amigos, irmãos na fé, companheiros de jornada nas estradas da vida, peregrinando rumo à Pátria Definitiva. Enquanto casa, nas

⁴⁴ BOROBIO, D., *Unção dos enfermos*, p. 598.

⁴⁵ COLOMBO, J., *Unção dos enfermos*, p. 1212.

⁴⁶ CIC, 2179.

⁴⁷ SCHLESINGER, H., *Dicionário enciclopédico das religiões*, p. 1989-1990.

comunidades que queremos são espaço de encontro, da ternura e da solidariedade, o lugar da família e têm suas portas abertas.⁴⁸

Diferentemente de outros ambientes como o familiar ou hospitalar, a paróquia suscita em seus membros a importante missão de praticar a caridade e as obras de misericórdia. Essa missão só acontece mediante uma experiência de fé com Jesus, o Bom Pastor, pois Ele fala e as ovelhas escutam a sua voz (Jo 10,1-5). Por isso organizam-se movimentos, equipes, grupos e pastorais empenhadas na evangelização (catequese, celebrações, orações, pregações) e na promoção de vida (visitas, ajudas, planos pastorais, eventos beneficentes, escuta, testemunhos e ação solidária).

Dentre o serviço confiado aos fiéis está o cuidado aos enfermos, que é um fazer operativo e constitutivo dentro de uma realidade profunda da práxis humana.⁴⁹ Partindo da realidade de sofrimento e enfermidade dos fiéis a paróquia se torna espaço propício para instalar-se uma pastoral da saúde, pois o dia a dia da vida paroquial facilita o conhecimento e a amizade entre as pessoas, principalmente nas situações de doença. Nessas horas, o pároco e os paroquianos são importantes para efetivar uma pastoral da saúde que promova vida e saúde para todos, tornando a paróquia uma comunidade de fiéis comprometida com o completo bem-estar de seus fiéis.

A existência de uma equipe ou de um grupo de pessoas leigas responsabilizadas por esta pastoral, em colaboração com os presbíteros, é de capital importância. A eles cabe: conhecer os enfermos que existem, ver suas necessidades e situação, informar o presbítero e a comunidade, programar a ação durante um período determinado, buscar a solução de diversos problemas, estar em contato permanente com os enfermos, preparar a visita do sacerdote, dispor o enfermo para os sacramentos.⁵⁰

Na comunidade paroquial, a pastoral da saúde deve ter um objetivo claro e importante: assistir ao doente integralmente, cuidando de seu ser físico, psíquico, social e espiritual.⁵¹ Assim, o agente da pastoral promoverá saúde e salvação. A sua missão é tornar visível, por meio de sua conduta, os gestos e palavras consoladoras do próprio Cristo, suscitando no doente a esperança, pois nos momentos de doenças e sofrimentos a confiança em Deus sempre será mais forte se o doente não estiver sozinho e isolado. Agindo dessa maneira a paróquia será sinal da compaixão de Cristo que veio para que todos tenham a vida em plenitude (Jo 10,10). Assim, as paróquias são desafiadas a uma verdadeira conversão, capaz de haurir uma revitalização missionária, acolhedora, samaritana, orante e eucarística.⁵²

Conclusão

A celebração dos Sacramentos é sinal vivo da presença de Deus na vida da pessoa

⁴⁸ CNBB, Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, p. 70.

⁴⁹ AQUINO JUNIOR, F., Teologia e hermenêutica, p. 96.

⁵⁰ BOROBIÓ, D., Unção dos enfermos, p. 598.

⁵¹ BALDESSIN, A., Como organizar a pastoral da saúde, p. 130.

⁵² CNBB, Comunidade de comunidades: uma nova paróquia, cap. I.

em todos os momentos de sua vida, desde a concepção à sua Páscoa para vida eterna. A Unção dos Enfermos é auxílio específico nos momentos difíceis, sobretudo no enfrentamento das doenças e enfermidades. O primeiro orante a suplicar a cura a Deus é o próprio enfermo, e pede isso sinalizando o desejo da celebração do referido Sacramento. A Igreja tende eficazmente realizando-o por meio do seu rito próprio e eficaz, comunicando a graça e a misericórdia divina por meio de sua ritualidade no ato celebrativo, constituído ao longo do seu caráter orante ao longo dos dois mil anos.

Por isso, em hipótese nenhuma, a Unção dos Enfermos é uma forma de assistencialismo, que deve ser considerado um Sacramento ministrado aos agonizantes, na eminência da morte, mas ao contrário, é um Sacramento de esperança firme do alívio das dores e até mesmo da cura física e espiritual. É necessária uma missão desafiadora de revalorização da verdade real deste Sacramento. Para tanto, é necessária uma catequese, no sentido de um processo de educabilidade cristã, não só de razão/ideia, mas de união entre o inteligir e o sentir.

O ser cristão não é ter uma ideia de Cristo, pois Cristo não é uma teoria, mas é uma pessoa que assumiu a condição humana, exceto, no pecado (Hb 4,15; Gl 4,4-7). Por isso, é fundamental ao cristão assumir uma identidade bem definida, assim como Jesus assumiu em seus atos e palavras, alegrando-se com a alegria dos curados e chorando com o choro dos sofredores, e mais, suportando a cruz com a firme certeza da gloriosa Ressurreição, pois Ele é o nosso começo e fim, a meta definitiva (Jo 11,25; Ap 1,8). Em Deus a nossa esperança se intensifica e nos impulsiona a sermos uma Igreja em saída, continuadora da missão de Cristo que nunca desampara quem sofre.

Referências bibliográficas

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **Teologia e hermenêutica**: da teologia hermenêutica ao momento hermenêutico da teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BALDESSIN, Anísio. **Como organizar a pastoral da saúde**. São Paulo: Loyola, 2007.

BENTO XVI, PP. **Spe Salvi**. Carta Encíclica, 2007. São Paulo: Paulinas, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOROBIO, Dionísio. Unção dos enfermos. In: **A celebração na Igreja**. v. 2. São Paulo: Loyola, 1993, p. 541-613.

BUYST, Ione, SILVA, José Ariovaldo da. **O mistério celebrado**: memória e compromisso I. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003. (Coleção livros básicos de teologia, 9).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CNBB. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. Brasília: edições CNBB, 2019. (Documentos da CNBB 109).

CNBB. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia (a conversão pastoral da

paróquia). Brasília: edições CNBB, 2014. (Documentos da CNBB 100).

COLLINS, Mary. O Ritual romano: assistência pastoral e unção dos enfermos. In: Revista Concilium/234 – 1991/2: Liturgia. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 12-28.

COLOMBO, João. Unção dos enfermos. In: SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille M. (orgs.). Dicionário de teologia. São Paulo: Paulinas, 1992.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

FLÓREZ, Gonzalo. **Penitência e unção dos enfermos**. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção sacramentos e sacramentais).

FRANCISCO, PP. **O nome de Deus é misericórdia**. São Paulo: Planeta, 2016.

GOEDERT, Valter M. **Unção dos enfermos: o sacramento dos doentes**. São Paulo: Paulinas, 2005.

LÓPEZ MARTIN, Julian. No espírito e na verdade. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTIMORT, Aimé G. Oração pelos doentes e unção sacramental. In: A Igreja em oração: introdução à liturgia. V. 3. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 109-124.

NOCKE, Franz-Josef. Doutrina específica dos sacramentos. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). Manual de dogmática, v. II. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 205-337.

PAULO VI, PP. **Unção dos enfermos**. Constituição Apostólica, 1972. São Paulo: Paulinas, 1973.

PAULO VI, PP. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo, 1975. São Paulo: Loyola, 1976.

RATZINGER, Joseph. **O novo povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1974.

RUSSO, R., Unção dos enfermos. In: CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). A celebração do mistério pascal: os sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2000.

SESBOÛE, Bernard. **O evangelho na igreja: a tradição viva na fé**. São Paulo: Paulinas, 1977.

SCHLESINGER, Hugo. **Dicionário enciclopédico das religiões**. vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

VENDRAME, Calisto. **A unção dos enfermos**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e realidade**. São Paulo: Realizações, 2011.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e logos**. São Paulo: Realizações, 2011.

Gilmar Antônio Aguiar

Mestre em Teologia Cristã pela Pontfícia Universidade Católica de São Paulo

Brasília / DF – Brasil

E-mail: gilscamilo@yahoo.com.br

Jucilei Lima da Silva

Mestre em Teologia Cristã pela Pontfícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo / SP – Brasil

E-mail: jucileisilva21@hotmail.com

Recebido em: 28/02/2024

Aprovado em: 22/10/2024